



ENSINO DAS ARTES: FORMAÇÃO, PRÁTICAS E MEMÓRIAS

ART'S TEACHING: EDUCATION, PRACTICES AND MEMORIES

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984317818220221>

Clarissa Santos Silva
Universidade de São Paulo
clarissa.santos@usp.br | [ORCID](#)

Gessé Almeida Araújo
Universidade Federal do Sul da Bahia
gesse.araujo@cpf.ufsb.edu.br | [ORCID](#)

Tássio Ferreira
Universidade Federal do Sul da Bahia
tassio.ferreira@gfe.ufsb.edu.br | [ORCID](#)

Dois mil e vinte e dois: ano de retomada. Nas escolas e universidades, retomamos a presencialidade e confrontamo-nos com os desafios de um tempo-espço (des)conhecido e reconfigurado. Socialmente fomos aos poucos regressando a lugares, convívios, rel(ações), eventos. Politicamente, reconstruímos perspectivas para retomar (a tempo) as rédeas de uma jovem e sonhada democracia. Vivenciar tantos processos distintos em tão curto período cronológico, por vezes, nos deixa embebidos em um fluxo de emergência; constantemente vivemos uma sensação de incêndios políticos, econômicos, sociais que sobrepujam olhares mais específicos e analíticos sobre nossas pequenas áreas de atuação. O próprio sentido da existência é relativizado, sobrepondo-nos demandas e expandido do sentido do essencial, hierarquizando aquilo que é urgente. Deste modo, faz-se necessário retomar os fios daquilo que seria o nosso campo de atuação, refazendo o caminho de volta - aqui metaforicamente inspirado no pássaro sagrado africano *Sankofa*, que nos faz refletir filosoficamente sobre a necessidade de conhecer o passado, compreender o presente, para que seja possível alçar vôos no futuro.

Retornar aos espaços e retomar as nossas ações tem sido também evocar o olhar para os nossos temas, seus conteúdos e as produções de nossa área. Este



dossiê ensaia um primeiro retorno do olhar às questões do Ensino das Artes, coletando e agrupando textos que orbitam em torno de diferentes reflexões acerca da arte e seu ensino. Quando enunciamos o título no plural (“ensino das artes”), o fazemos no intuito de reiterar esta diversidade que compõe o grande campo das artes e que se refletiu neste dossiê, ao buscarmos colocar no mesmo balaio artigos que pensam desde a formação e a aprendizagem de modo mais ampla, até experiências mais específicas no ensino do Teatro, Dança e Artes Visuais.

O nosso intuito é o de que os trabalhos aqui publicados gerem discussões em torno dos temas emergentes mas, também, dos temas que retomam olhares sobre assuntos já amplamente discutidos. Da história do Ensino das Artes no Brasil, do compartilhamento de metodologias que se pretendem inovadoras, passando por diferentes espaços de aprendizagem, o que se pretende é dar a ver uma gama ampla de perspectivas e reflexões sobre elas, no sentido de avançar com a revisão de temas, conteúdos e práticas pluriversais que alimentam a trajetória inconclusa da docência, como apresentado nas pesquisas aqui postas.

Cabe ressaltar que, nos últimos anos, houve um apagão de dados e de políticas específicas para a formação de professores e professoras no Brasil, ao que parece, por decisão política. O Plano Nacional da Educação desapareceu das metas do governo de ocasião e inúmeras políticas de retrocesso foram estabelecidas com a difusão da militarização do ensino e o encorajamento do conservadorismo como prática de sala de aula. Mesmo a manutenção e divulgação de periódicos científicos do campo das Artes, da Educação e das Humanidades, estão comprometidas uma vez que, sem novas contratações, são poucos os/as profissionais dedicados/as a isto nas Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa. Assim, diante de tamanhas demandas com as quais convivemos cotidianamente, sobretudo na última meia década, a publicação científica, fato corriqueiro e recorrente na vida de pesquisadores e pesquisadoras, se confunde com um ato de resistência, quando deveria ser o ordinário. Novas perspectivas se desenham para um futuro de médio prazo e, Oxalá, a Educação e as Artes retomem os seus lugares de direito no nosso ordenamento político e social!



A seguir, passamos à apresentação dos textos do dossiê, desejando a todos, todas e todes, uma leitura agradável e inspiradora.

O texto que abre o dossiê é um relato de experiência intitulado “*Cartas a jovens estudantes: questionamentos para pensar sobre a escola na contemporaneidade*” e tem autoria de Bianca Isabel Pederiva e Suzana Feldens Schwertner, ambas da Universidade do Vale do Taquari. O relato nos provoca a pensar acerca da relação entre jovens e a escola atualmente, a partir de um projeto aplicado, com foco em dispositivos chamados “Objetos de pensar”, e a análise textual discursiva de seus registros. Ao apontar as problemáticas dessa relação escola-estudantes na contemporaneidade e ressaltar a importância do protagonismo estudantil, o texto nos situa novamente nesse espaço-tempo de atuação do qual nos distanciamos - fisicamente -, que reconfiguramos cotidianamente e que precisamos problematizar/revisitar constantemente. Consideramos que este relato de experiência abre as portas do dossiê situando-o em seu lugar-território de ação e reflexão: a escola, a aprendizagem e seus sujeitos.

Para aprofundar as reflexões acerca das aprendizagens e conhecimentos, aproveitando para ingressar no campo mais propriamente da Arte, temos o artigo “*Conhecimento, ciclo do conhecimento e ensino da Arte no Brasil*”, de Denis Martins de Oliveira, Ely Mitie Massuda e Leticia Fleig Dal Forno, da Unicesumar. No texto, as autoras e autor enlaçam epistemologicamente a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e o ciclo do conhecimento de Kimiz Dalkir. O artigo aponta para a gestão de conhecimento que costura as duas proposições teóricas e permitem vislumbrar como a Abordagem Triangular sugerida por Ana Mae Barbosa para o ensino de artes visuais provoca um ciclo infindo de produção-gestão do conhecimento. É válido destacar que a Abordagem Triangular é uma das propostas didáticas mais clássicas do campo do ensino da arte no Brasil, que acabou também reverberando em outras áreas e, certamente, é um dos temas com maior produção teórica dentro das pesquisas acadêmicas do ensino de artes, especialmente das artes visuais. São muitos os artigos, dissertações, teses que versam sobre ou que experimentaram a Abordagem Triangular. No entanto, sempre nos parece válida essa revisitação,



especialmente quando se busca traçar esses paralelos com outras teorias ou a reconfiguração de uma proposta já tão consolidada. Isto posto, consideramos que o artigo de Oliveira, Massuda e Dal Forno pode trazer um novo aspecto para esta discussão trintenária, ao comparar um esquema de gestão do conhecimento com a referida abordagem de Ana Mae Barbosa.

Neste dossiê, os dois primeiros artigos são como abridores de caminho, discussões de entrada no campo. A partir do próximo texto, começamos a adentrar mais especificamente nas áreas das artes (e seu ensino). Começando pelo relato de Fernando Antônio Fontenele Leão, intitulado “*Teatro, Educação e Política: Freire e Boal contracenam no CEDECA Ceará*”. No texto, o autor narra as vivências de um grupo teatral, composto por adolescentes e jovens, assistidos pelo CEDECA (Centro de Defesa da Criança e do Adolescente), em um bairro periférico de Fortaleza, Ceará. A narrativa trazida no texto aponta para um embasamento pautado principalmente em Paulo Freire e Augusto Boal, o que surge fortemente nas reflexões e inquietações apontadas por Fernando Leão ao conjugar caminhos possíveis para uma práxis educacional que, a partir do teatro, abarque o respeito, a autonomia, a identidade e a dignidade. O referido artigo demarca aqui uma posição muito importante para um dossiê que busca falar sobre o ensino das artes: a complexidade que atrela estética, ética e educação. Como disse Paulo Freire:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mão dadas com a decência e com a seriedade (2020, p. 26).

Para seguir nos diálogos com Paulo Freire e seu entrelaçamento com o ensino das artes, temos o artigo “*Descolonizando saberes em dança: a formação técnica profissionalizante do colégio Luís Eduardo Magalhães de Itabuna, Bahia, em diálogo com Paulo Freire*”, de Thais Coelho e Sousa e Tássio Ferreira. O artigo resulta de partes da monografia de especialização da autora, com o mesmo título, defendida no Programa de pós-graduação em Pedagogias das Artes da



Universidade Federal do Sul da Bahia sob orientação do Prof. Dr. Tássio Ferreira. O texto apresenta uma análise do currículo do Curso Técnico Profissionalizante em Dança do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, em Itabuna, Bahia. Para embasar o olhar para o currículo e considerar os conteúdos selecionados para compô-lo, o texto traz reflexões acerca da educação numa perspectiva freireana, além de aspectos da dança, biopolítica e pensamento descolonial, apontando a urgência de proposições curriculares e práticas educativas mais pautadas no respeito à diversidade cultural do país e do território sul baiano. A autora e o autor apontam que o currículo em questão - assim como tantos outros em nosso país - não teve uma construção participativa, democrática e está carregado de bases práticas e epistemológicas eurocentradas.

Os dois artigos que compõem o final do dossiê estão focados no campo das Artes Visuais. Em diálogo com o artigo anterior, em seu aspecto metodológico de análise de dados, temos o trabalho intitulado “*Artes visuais na educação infantil: um olhar para as práticas docentes a partir da revisão bibliográfica sistemática na BDTD*”, de Ana Cláudia de Oliveira Freitas, Universidade do Estado da Bahia, e Fabiana Vidal, da Universidade Federal de Pernambuco. No artigo, as autoras empreendem uma revisão bibliográfica a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Foi delimitado o recorte temporal de 2010 a 2020, considerando uma década de produções acadêmicas sobre as práticas docentes em Artes Visuais na Educação Infantil. O levantamento e análise realizados pelas autoras apontam para um maior cuidado com os processos de formação inicial e continuada das/os docentes, tendo em vista que as pesquisas levantadas revelam a presença de práticas tradicionais/retrógradas no ensino de Artes Visuais na etapa inicial da educação. Além da formação docente - em seus diferentes níveis - as autoras ressaltam a relevância do contato com produções e espaços artísticos, além do necessário reconhecimento e investimento nas Artes Visuais enquanto área do conhecimento para formação integral dos sujeitos. O artigo empreende tanto um levantamento e sistematização de dados, quanto uma reflexão importante para o



território do ensino de Artes Visuais, destacando-se especialmente por seu olhar para o campo da Educação Infantil - espaço quase que exclusivamente ancorado nas pesquisas no campo da Pedagogia. As autoras, que vivenciam na prática esse trânsito entre as reflexões do campo da Educação e das Artes Visuais, avançam na construção de um olhar preocupado com a formação e as práticas docentes que seguem sendo empreendidas na Educação Infantil, tendo por base abordagens obsoletas e antiquadas para o ensino de Artes Visuais na contemporaneidade.

Encerrando o passeio por esse relance no campo do ensino das Artes, temos o artigo narrativo, com aspectos biográficos, intitulado “*O labor criativo de Augusto Rodrigues na criação das Escolinhas de Arte do Brasil e do Jornal Arte & Educação*”, de Regiane Rodrigues Araújo e Patrícia Helena Carvalho Holanda, ambas da Universidade Federal do Ceará. O trabalho, com forte caráter histórico, investiga o Movimento Escolinhas de Arte a partir de um de seus expoentes, Augusto Rodrigues, bem como das contribuições culturais e acadêmicas do Jornal Arte & Educação – o jornal da Escolinha. Para as autoras, Augusto Rodrigues desponta como um personagem-chave na formação de toda uma geração de arte-educadores e educadoras no Brasil e o Jornal Arte & Educação inaugurou e contribuiu para a circulação e a consolidação de ideias relacionadas à educação através da arte, bem como de reflexões sobre diferentes abordagens de formação, expressão e criação artística. Este artigo finaliza o trajeto que buscamos empreender neste dossiê, ao registrar um momento importante da história do ensino de Artes Visuais no Brasil, apontando para movimentos e iniciativas que difundiram o campo e permitiram processos de luta da própria categoria de arte-educadores/as, que viriam a se consolidar nos anos posteriores aos processos narrados no artigo.

As diferentes direções apontadas nas caminhadas das pesquisadoras e pesquisadores alinhavadas neste dossiê, potencializam os nossos corpos com conhecimentos experienciados no universo das Pedagogias das Artes. Estes são artigos pouco marcados pelas emergências sanitárias do nosso tempo, isto é: ao menos no campo discursivo, pouco dialogam com o caos sanitários dos últimos tempos (de memória dura, mas fundamental para seguirmos). Os textos carregam



reflexões sobre aspectos de formação docente, currículo, práticas e história do ensino das artes, especialmente em nosso país. Esperamos que este exercício de organização e olhar para as Artes e seu ensino seja prenúncio de um tempo em que sejamos menos atravessados pelas urgências geradas pelas incompetências políticas, sanitárias e econômicas, e que possamos retomar processos de urgências de beleza, justiça e direitos sociais (arte e educação incluídos), que configuram, também, nossas reflexões sobre o desenvolvimento de todas as áreas dos saberes e, especialmente, aquela que nos mobiliza enquanto coletivo de docentes: a educação, especialmente, a educação através das Artes.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 66 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2020.



Esta revista está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software* | *iThenticate*